

# “Abrir” Livros Para “Abrir” a Percepção do Mundo: a Leitura na Investigação Científica

## “Open” Books to “Open” the Perspective of the World: Reading in Scientific Investigation

Heleomar Gonçalves<sup>a\*</sup>

### Resumo

Neste trabalho, é trazida para discussão a questão da presença e da relevância da leitura em investigação científica. Pressupõe-se que a formação do pesquisador pode ser entendida analogamente como a formação de um leitor experiente, uma vez que a leitura sustenta o processo da pesquisa. Busca-se evidenciar as concepções vigentes de texto, leitor e leitura, que influenciam condutas de leitura de estudantes/responsáveis por fazer a ciência caminhar. Compreendendo que o conhecimento é um processo, uma sequência de estados dos seres humanos, aborda-se, neste artigo, a necessidade da decodificação do código linguístico para a realização de leituras, mas também a necessidade de o leitor/pesquisador ampliar seus referentes. Ou seja, aquilo que o constitui, pois, essa ampliação lhe permitirá ler melhor, atuar no mundo e analisar seu problema de pesquisa a partir de níveis superiores de percepção.

**Palavras-chave:** Leitura. Leitor/pesquisador. Pesquisa científica.

### Abstract

*This study will discuss the presence and the relevance of reading in the scientific research. It is assumed that the formation of the researcher can similarly be understood as the formation of an experienced reader since reading is the support of the research process. This essay aims to highlight the prevailing concepts of text, reader and reading, which influence reading behaviors of students and people responsible for making science walk. Understanding that knowledge is a process, a sequence of human beings states, it discussed in this article the necessity to decode the language code in order to read, but also the reader/researcher's need to expand their referents. Therefore, this extension will allow them to read better, act in the world and analyze their research problem from higher levels of perception.*

**Key-words:** Reading. Reader-researcher. Scientific Research.

<sup>a</sup> Mestre em Educação - Universidade Estadual de Londrina (UEL).  
E-mail: heleomar@sistemamaxi.com.br

\* Endereço para correspondência: Rua Pará, 308, Centro. CEP 86180-240. Cambé-PR.

### 1 Introdução

O texto tem tamanho, começa e acaba, mas sua semântica esparrama-se e nada a detém. É possível reler texto sempre de novo e sempre de novo encontrar novas dimensões [...].

O texto continua, na sintaxe, sempre o mesmo, mas sempre diferente em nossa capacidade de interpretação (DEMO, 2000, p. 125).

Leitura é palavra que não se gasta. Falar de leitura é provocá-la, obrigá-la a sair do lugar em que esteja, é redescobri-la em novos sentidos, é sentir-se desafiado pela polissemia desse termo. Portanto, este trabalho estabelece relações entre leitura e investigação científica.

As abordagens voltadas a essa temática podem expô-la, pelo pensamento e pela linguagem, de inúmeras formas, como: o ato de percorrer com a vista algo escrito; a ação de pronunciar em voz audível o que está grafado; o ato de estudar; a busca por apreender algo a partir do que está registrado em um suporte físico. Entretanto, há uma ideia sob a qual todas as outras podem se alocar: a leitura é a matéria-prima da

educação, da investigação científica. É a substância primeira do tecido do conhecimento. Os próprios seres humanos são efeitos do arranjo de suas leituras, constituem-se delas, conforme proferiu Afonso Romano de Santana<sup>1</sup>. Disse o autor, que somos o que lemos. Por exemplo, referindo-se a si, o autor diz que se houvesse maneira de ir retirando dele as leituras que fez, sua vida iria definhando, definhando...

A ação de investigar está fundamentada no ato de ler textos e produzir novos textos, pois estes, ao mesmo tempo que são frutos do conhecimento, são também a seiva do conhecimento a gerar novos textos, novos frutos, mais seiva. Os textos se metamorfoseiam, constantemente: são originários do saber e concomitantemente originam o saber. São efeitos, resultados de leituras a gerarem novas possibilidades de textos e de leituras, na espiral sem fim do conhecimento.

### 2 Leitura e Investigação Científica: Entrelaces

Leitura é terreno no qual todas as áreas do saber se reúnem. É espaço, que hospeda as disciplinas escolares como um todo e também inúmeras esferas da vida cotidiana.

Severino (2002), ao escrever sobre o processo de produção e de sistematização do conhecimento no campo educacional, aborda a pós-graduação *stricto-senso* como lugar de produção

<sup>1</sup> Entrevista na TV Cultura, exibida no dia 9/1/2008.

de conhecimento e argumenta ser fundamental que o ensino superior seja perpassado pela postura e prática investigativa. Ou seja, corpo docente e estudantes precisam ter convivência com a pesquisa, com a experiência de construção de conhecimento.

Nesse contexto investigativo, é possível entender analogamente que criar condições para que se constitua o pesquisador é impulsionar a formação do leitor maduro, experiente. Quanto ao significado de leitor maduro: “Leitor maduro é aquele que, em contato com o texto novo, faz convergir para significado deste o significado de todos os textos que leu” (LAJOLO, 2002, p. 107).

Relevante refletir com Kleiman (1993, p.51):

Leitor experiente tem duas características básicas que tornam a sua leitura uma atividade consciente, reflexiva e intencional: primeiro, ele lê porque tem algum objetivo em mente, isto é, sua leitura é realizada sabendo para que está lendo, e, segundo, ele compreende o que lê, o que seus olhos percebem seletivamente é interpretado, recorrendo a diversos procedimentos para tornar o texto inteligível quando não consegue compreender.

Reiteramos que o processo de amadurecimento do cientista está em interface com o processo de amadurecimento do leitor. A leitura perpassa a relação do pesquisador com o conhecimento, desempenhando relevante função no desenvolvimento da investigação, uma vez que, o sustenta. Os próprios resultados de pesquisas tornados públicos são efeitos das leituras de pesquisadores em suas trajetórias. Portanto, importa trazer para esta discussão aspectos pertinentes à leitura e ao percurso de leitura no desenvolvimento de uma pesquisa científica.

Nas últimas décadas, o ato de ler vem sendo alvo de diversos estudos, e a produção científica voltada a essa área é muito ampla. Dela, pode-se colher dados que descrevem contextos educacionais, em que ler tem sido reduzido apenas a decodificar a escrita, transformar palavras em sons, contribuindo para que seja construído um conceito empobrecido da leitura.

Em contato com o texto verbal, quando o leitor lê palavra por palavra, sentença por sentença, ele somente está decodificando o código, não alcança o sentido global do texto. Pode até absorver informação. Porém, não constrói conhecimento.

Rodríguez (*apud* TEBEROSKY *et al.*, 2003, p. 13), apresenta o enunciado e os questionamentos seguintes:

Carmem esticurava um po e artemunia à Laia. Pedro arteava pas ni tenes.

— O que Carmem esticurava?

— A quem artemunia?

— O que Pedro arteava?

Comenta o autor que sempre usa essa atividade para explicar o que não é a compreensão da leitura. E demonstra, assim, como é que, constantemente, um estudante satisfaz

uma tarefa escolar a respeito de um texto, embora não tenha alcançado o sentido desse material impresso, acreditando, ao cabo, que realizou uma leitura.

Ocorrências como essa justificam a importância e a necessidade de que sejam desvendados os segredos da atividade de leitura de leitores maduros, pois, conhecer características e particularidades do ato de ler diminui as possibilidades de que sejam realizadas tarefas que empobrecem a prática de leitura de estudantes entre os quais, provavelmente, estarão inseridos aqueles que se responsabilizarão, no movimento da vida, por fazer a ciência caminhar.

A conduta de leitura de um ser humano é sobremaneira influenciada pela concepção que constrói para si de texto, de leitor, de leitura.

Freire (1977) usa a metáfora da “vasilha” para referir-se a um leitor que, acreditando que deve ser “enchido” pelos conteúdos que retira do texto, não é capaz de ler, comer, ruminar o que é lido para que se transforme em partes de si mesmo, conforme sugere Alves (2000). Observa-se, então, texto concebido como produto acabado que deve ser recebido passivamente, e não como escritos que precisam ser completados pelo leitor, num trabalho ativo de construção do sentido. Percebe-se ainda o leitor concebido como um mausoléu em que dados são depositados; e a leitura pensada como simples memorização.

Importa argumentar com Freire (1997, p.11):

Estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a. Isto é precisamente, o que a ‘educação bancária’ não estimula. Pelo contrário, sua tônica reside fundamentalmente em matar nos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade. Sua “disciplina” é a disciplina para a ingenuidade em face do texto, não para a indispensável criatividade.

É necessário migrar para uma maneira de pensar em que: o texto seja concebido como um lugar de comunicação, um ambiente de diálogo entre o leitor e o autor que, lendo e refletindo, exteriorizou suas reflexões em forma de texto; o leitor seja concebido como co-criador dos sentidos do texto; e a leitura como interação, situação comunicativa, que ganha mais significação na medida em que melhora, em algum grau, a qualidade de vida daquele que lê.

Nesse processo, o mais significativo são as reflexões, os pensamentos, os conhecimentos que emergem da interação do leitor com o texto, evidenciando seu compromisso com a construção dos sentidos e sua capacidade de ler para além das palavras. Isso implica em aceitar que o leitor está inserido num permanente processo de vir a ser, em que o próprio conhecimento é entendido como uma sequência de estados do indivíduo, que vão se sucedendo, à medida que, as leituras vão contribuindo para o desenvolvimento da inteligência do leitor, ao servirem de ponto de partida para o próprio ato de pensar. Nesse sentido Alves (2000, p. 5) complementa afirmando que “a gente lê os pensamentos dos outros para

pensar pensamentos próprios.”

Em se tratando da investigação científica, ao passo que o tema de pesquisa delimita um pouco a bibliografia a ser usada, o pesquisador vai realizando leituras e, paulatinamente, se elevando de patamares de cognição, de percepção das particularidades e dos aspectos relevantes que ajudam a refletir acerca da problemática abordada. É como se ocorresse um deslocamento do pesquisador, que, das proximidades de sua inquietação inicial, avança rumo aos arremates da investigação.

Como se existisse um sulco localizado entre o problema inicial e os resultados da investigação, a pesquisa funciona como uma ponte, que vai sendo construída sobre esse sulco. Assim, o investigador precisa reunir, a partir de suas leituras e reflexões, materiais de qualidade para a construção dessa ponte em que possa ir pisando, sem que coloque em risco sua própria trajetória. Daí a importância não apenas da presença da leitura na vida do investigador, mas o cuidado com o que se lê, com os critérios de escolha das referências, com o que priorizar nas leituras.

Nesse processo, o leitor/pesquisador está sempre ampliando os referenciais com os quais atua, expandindo seus conhecimentos e, assim, migrando para níveis e condições superiores de percepção, o que lhe permite analisar seu problema de pesquisa distinguindo novos matizes, enfim, trazendo em si condições diferenciadas de análise.

### 3 Considerações Finais

Em meio a essas reflexões sobre leitura no fazer científico, é oportuno retomar e enfatizar o pensamento citado anteriormente o qual destaca que o leitor lê pensamentos dos outros para construir pensamentos próprios, e lembrar uma narrativa de autor desconhecido em que figura um personagem

friorento que buscava aquecer-se ao calor que irradiava das chamas de uma fogueira, hesitando afastar-se do fogo para executar os trabalhos que eram de sua responsabilidade. Nos primeiros instantes de execução de suas tarefas, longe da fogueira, sentia novamente a sensação desagradável de frio. Mas, à medida que se dispunha a trabalhar, notava que tal sensação desaparecia vagarosamente, pois produzia calor na trama de seus tecidos, então aquilo que buscava somente fora de si, agora, podia também emergir de seu corpo e ser irradiado.

Vem a propósito refletir sobre essa história, percebendo seu funcionamento de parábola que retoma a realidade da leitura.

### Referências

ALVES, R. Prefácio: para ler esse livro. In: COSTA, A.C.G.; CASCINO, P.; SAVIANI, D. *Educador: novo milênio, novo perfil?* São Paulo: Paulus, 2000.

DEMO, P. *Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento*. São Paulo: Atlas, 2002.

FREIRE, P. *Ação cultural para liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 1993.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2002.

SEVERINO, A.J. Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento no campo educacional. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A.M.N. (Org). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: Cortez, 2002, p.67-87.

TEBEROSKY, A. *Compreensão de leitura: a língua como*. Porto Alegre: Ártmed, 2003.

